

Entre a credibilidade e a recessão

economic - Brasil

Decisão do BC de manter taxa em 26,5% é vista como demonstração de força no mercado e teimosia no setor produtivo

EDNA SIMÃO
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA
JANAINA VILELLA
REPÓRTER DO JB

BRASÍLIA e RIO – O Comitê de Política Monetária do Banco Central não cedeu às pressões políticas e manteve pela terceira vez consecutiva a taxa de juros (Selic) do país em 26,5% ao ano. A decisão frustrou políticos e empresários que defendiam uma redução imediata. Por outro lado, analistas do mercado financeiro recomendavam a manutenção da Selic, para assegurar se a recente queda dos indicadores inflacionários é realmente consistente.

A justificativa dada pelo Copom para não mexer nos juros é o combate à inflação. "Há sinais de que a política monetária começa a obter resultados no combate à inflação. O Copom avalia que a consolidação da queda da inflação depende da manutenção desse esforço", informou, em nota.

Como o Copom não adotou viés, a Selic só poderá sofrer alteração na próxima reunião do comitê, nos dias 17 e 18 de junho. Pelo Boletim de Acompanhamento Econômico, divulgado pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda, a Selic deverá permanecer alta por mais algum tempo.

"Não se espera uma queda abrupta na taxa de juros básica, uma vez que: a desaceleração das taxas de inflação vem ocorrendo a um ritmo ainda lento; o regime de câmbio flutuante não assegura a manutenção da taxa de câmbio no patamar alcançado pela recente valorização", diz o boletim.

Os economistas de mercado

comemoraram a manutenção dos juros – que é a terceira maior do mundo perdendo apenas para a Turquia (42,9% ao ano) e Venezuela (26,8%). O medo era de que o BC cedesse às pressões políticas e não tivesse uma decisão técnica. Ao esclarecer essa dúvida, optaram

pela cautela, o mercado reagiu positivamente.

O aspecto foi positivo porque o Copom não mudou a forma de decidir a taxa de juros. Não cedeu à pressão política do governo. O BC ganhou pontos em credibilidade – afirmou o economista Antonio Madeira,

da MCM Consultores.

Para o economista Fábio Akira, do JP Morgan, a decisão foi coerente e serviu para aumentar a credibilidade do BC no mercado. Segundo ele, embora os preços no atacado tenham caído, esse movimento ainda não chegou ao consumi-

dor, o que justifica a manutenção dos juros. A perspectiva é de que a taxa apresente queda nos meses de junho ou julho.

Para o economista-chefe da Global Invest, Marcelo de Ávila, a decisão do BC pode elevar ainda mais a taxa de juros reais (descontado o impacto da inflação), hoje em 3,7% ao ano, oitava maior do mundo.

O BC mais uma vez deixou de aproveitar a janela de oportunidade aberta pelo cenário favorável e manteve o quadro recessivo da economia real.

Já o economista-chefe da Sul América Investimentos, Newton Rosa, afirmou que a manutenção dos juros mostra a preocupação do BC com a inércia inflacionária.

Associação Comercial de SP vê "saque no setor produtivo"

Foi uma decisão técnica. É uma demonstração clara de independência do BC.

Segundo o vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Miguel Ribeiro de Oliveira, a decisão do BC tem um efeito psicológico negativo para os consumidores, sinalizando "dias ainda difíceis pela frente". Além disso, explica, tem impacto direto sobre os cofres da União, já que a Selic corrige metade da dívida pública e cada ponto percentual custa cerca de R\$ 3,6 bilhões em juros ao ano.

Foi um equívoco. Mesmo com todos os sinais de queda da atividade econômica, que deveriam ser levados em consideração para que a taxa caísse, o BC decidiu ser extremamente conservador – disse Oliveira.

O vice-presidente da Federação Nacional das Empresas de Crédito, Financiamento e In-

vestimento (Fenacrefi), José Arthur Assunção, discorda. Para ele, a medida mostrou "a firmeza e coerência da equipe econômica".

– É claro que o país não pode entrar em recessão, mas não há desenvolvimento sustentável com a inflação ainda fora do controle – enfatizou.

O comércio também reagiu negativamente.

– Esperávamos que a queda dos números de inflação nos últimos índices divulgados, associada aos pífios resultados recentes da indústria e do comércio, pudesse sensibilizar o BC – lamentou o presidente da Federação do Comércio do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ), Orlando Diniz.

Na avaliação do presidente da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, a decisão do BC representa a "continuação do saque no setor produtivo".

O Copom, reconhecendo que a inflação está em queda, deveria ter emitido pelo menos um sinal de baixa dos juros – disse Domingos.

Segundo o professor Luiz Carlos Prado, da UFRJ, a manutenção da Selic, num momento em que a indústria apresenta desaquecimento, "pode agravar não só o desemprego como também prejudicar ainda mais a atividade fabril". Há, segundo Prado, o risco de os efeitos sobre a indústria se estenderem para toda a economia, na forma de recessão.

esimao@jb.com.br e
jvilella@jb.com.br
Com Ricardo Rego Monteiro

